

O Anjo de Hamburgo faz cem anos

José Raimundo Gomes da Cruz

“A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro (Grande Sertão: Veredas)”
(Guimarães Rosa)

Em 1936, Aracy Moebius de Carvalho trabalhava na Embaixada do Brasil, em Hamburgo. Separada do marido, após cinco anos de casamento, no Brasil, ela fora passar uma temporada com uma tia na Alemanha, levando o filho pequeno. Na época, segundo o Estadão de 21/12/08, “mulheres desquitadas não eram vistas com bons olhos pela sociedade”. Graças à sua fluência nos idiomas alemão, inglês e francês, Aracy não só foi contratada pela embaixada brasileira, como ficou incumbida dos “vistos de emigração”.

Vésperas da 2ª Guerra mundial, judeus e outras minorias já sofriam graves perseguições. O governo getulista havia limitado o número de vistos concedidos aos judeus. Driblando o comando oficial, Aracy propiciou o embarque de inúmeros judeus alemães para o Brasil. Manipulava a papelada para que o agente consular assinasse as requisições de visto sem perceber os sobrenomes judaicos. Outra manobra consistia em conseguir passaportes sem a letra ‘J’ – que identificava os judeus – com amigos que exerciam funções na prefeitura. Como o atendimento se limitava aos moradores das proximidades de Hamburgo, ela obtinha atestados de residência inverídicos. Certa vez, levou uma pessoa camuflada no assento traseiro do veículo. Como a placa deste pertencia ao corpo consular, cruzou a fronteira com a Dinamarca sem ser revistada pelos nazistas.

Para muitas mulheres, os privilégios da condição de funcionária de embaixada só serviriam para desfiles de moda, shows de estrelas da ópera ou do jazz etc. E o mundo acabando em pura lama.

Maria Margarethe Bertel Levy, de 100 anos, confirma que Aracy possuía uma bondade imensa. Prestou ajuda a muitos judeus. “Eu quis

recompensá-la com presentes, mas ela não aceitava dinheiro de ninguém, eu sou testemunha”. Essa testemunha veio para o Brasil com o marido graças a Aracy: para ter certeza do embarque, Aracy levou Margarethe e o marido “até o navio e escondeu as jóias em um pacote dentro da caixa para descarga do vaso sanitário da cabine, para que não fossem confiscadas pelos policiais”. Margarethe confirma: “Ela nos pediu para retirarmos o embrulho depois que o navio estivesse em alto-mar. Com a venda das jóias, pudemos alugar uma casa quando chegamos”.

Por bastante tempo, a embaixada brasileira em Hamburgo foi procurada por judeus vindos de toda a Alemanha e Aracy se tornou conhecida como o “Anjo de Hamburgo”. Em razão dos seus numerosos gestos de coragem, Aracy é a única brasileira convidada a plantar uma árvore no Bosque dos Justos, em Israel. O local expressa homenagem aos não-judeus que ajudaram a salvar vidas judias das perseguições nazistas na Europa. “Ela ganhou um bosque com o seu nome. Aracy também é a única brasileira citada nos registros dos Museus do Holocausto, em Israel e em Washington.”

Foi no “consulado” em Hamburgo, em 1938, que Aracy conheceu o consul-adjunto João Guimarães Rosa, que seria o grande escritor, anos depois: “Ele sabia que ela ajudava os judeus a fugir da guerra e aprovava”. Quando o Brasil cortou relações diplomáticas com a Alemanha, em 1942, os servidores da embaixada ficaram “internados” durante quatro meses em Baden-Baden. Ainda em 1942, Aracy e o Rosa vieram ao Brasil e, em 1947, casaram-se. Como seu casamento “não oficial” dificultasse a indicação de ambos para a mesma embaixada, Aracy preferiu renunciar à carreira, para não se separar do seu “Joãozinho”, apelido com que ela o tratava. Paris (1948), depois Copacabana, quando o Rosa escreveria sua grande obra.

As verdadeiras aventuras de uma burocrata – quem diria, mais uma vez, o engano do Indiana Jones, o professor de antropologia que deixa as salas de aula e parte para a suposta aventura nos grotões ainda existentes no nosso tempo, na busca de algum objeto raro e precioso – as verdadeiras aventuras de uma burocrata, como eu dizia, confirmam: é na atividade burocrática e na tarefa escolar mesmo que pode estar a maravilhosa aventura. Isto é; se a alma não for muito acanhada.

A heroína está muito idosa e sofre do mal de Alzheimer. Pouco interage com os fatos do cotidiano. São estes que perdem muito com isso.

Volto à famosa frase de Nietzsche: “em certa proporção se equivalem a obra do artista, o pensamento do filósofo e a boa ação”. Merece um reparo: para o cristão, a boa ação prepondera, podendo, é claro, corresponder à obra do artista ou ao pensamento do filósofo. Cada qual relerá a dedicatória do romancista e tirará suas conclusões.